

DATA DE
RECEPCIÓN:
14/03/2014

DATA DE
ACEPTACIÓN:
05/05/2014

REFLEXOS DE ALICE: CORPO, GÊNERO E ESCRITA
EM *ALICE NO ESPELHO*, DE LAURA BERGALLO
REFLEXOS DE ALICE: CORPO, XÊNERO E ESCRITA
EN *ALICE NO ESPELHO*, DE LAURA BERGALLO
REFLECTIONS OF ALICE: BODY, GENDER AND
WRITING IN *ALICE NO ESPELHO*, BY LAURA BERGALLO

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

UFG – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão / Brasil

silvana.carrijo@gmail.com



Resumo: Partindo do pressuposto de que a obra de arte literária potencialmente voltada a crianças e jovens constitui, além de um objeto estético, um constructo cultural produzido por adultos, há que se considerar tais obras como fenômenos eivados de valores ideológicos que demandam reflexão, questionamento e tomada de postura crítica, vez que veiculam visões de mundo, condutas e referenciais que poderão ser acatados ou refutados pelo leitor criança e pelo jovem leitor. Assim sendo, por via de aportes teóricos vários, porque interdisciplinar se nos apresenta a produção epistemológica voltada ao exame do gênero literário infantil e juvenil, importa investigar a obra *Alice no espelho* (2005), de Laura Bergallo, com ilustrações de Edith Derdyk. Na narrativa juvenil em questão, a autora contempla a história de Alice, uma adolescente que desenvolve um processo doloroso e angustiante de anorexia nervosa. A partir de um intenso e constante processo de intertextualidade com o clássico de Lewis Carroll, a escritora trata de forma bastante literária o tema, em muito distanciando sua obra de um mero compêndio médico dos sintomas e do tratamento da doença. Por via do presente trabalho, objetivamos investigar a representação literária do corpo e o investimento intertextual realizado pela autora como um dos procedimentos estilísticos que conferem literariedade à obra.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; corpo, gênero, intertextualidade.

Resumen: Partiendo del presupuesto de que la obra de arte literaria potencialmente dirigida a la niñez y a la juventud constituye, más allá de un objeto estético, una construcción cultural producida por adultos, hay que se considerar tales obras como fenómenos contaminados de valores ideológicos que demandan reflexión, ser cuestionados y observados desde una postura crítica, ya que vehiculan visiones del mundo, conductas y referentes que podrían ser acatados o refutados por el lectorado autónomo y por el lectorado joven. Así, a través de varias aportaciones teóricas, porque interdisciplinar se presenta la producción epistemológica enfocada al examen de la Literatura Infantil y Juvenil, importa investigar la obra *Alice no espelho* (2005), de Laura Bergallo, con ilustraciones de Edith Derdyk. En la narración juvenil tratada, la autora contempla la historia de Alice, una adolescente que desarrolla un proceso doloroso y angustiante de anorexia nerviosa. A partir de un intenso e constante proceso de intertextualidad con el clásico de Lewis Carroll, la escritora trata de forma bastante literaria el tema, distanciando mucho su obra de un mero compendio médico de los síntomas y del tratamiento de la dolencia. Por medio del presente trabajo, tratamos de investigar la representación literaria del cuerpo y el empleo intertextual realizado por la autora como uno de los procedimientos estilísticos que confieren literariedad a la obra.

Palabras clave: Literatura Infantil y Juvenil; cuerpo; género; intertextualidad.

Abstract: Pressuposing that the work of literary art potentially directed to children and young people constitute, beyond an aesthetic object, a cultural construct produced by adults, we must consider such literary works as phenomenon occurred from ideological values that require reflection, questioning and critical attitude, once they show worldviews, behaviors and benchmarks that can be accepted or refuted by the child reader and the young reader. Accordingly, through distinct theoretical studies, because the epistemological production directed to the examination of child and youth literary genre presents interdisciplinary for us, it is important to investigate the literary work *Alice no espelho* (2005), by Laura Bergallo, illustrated by Edith Derdyk. In this youth narrative, the author contemplates the story of Alice, a teenager who develops a painful and agonizing process of anorexia nervosa. From an intense and constant process of intertextuality with the classic literary work by Lewis Carroll, the writer focuses in this theme in a very literary form, distancing her work of a mere medical compendium of symptoms and treatment of disease. Through this study, we aimed to investigate the literary representation of the body and the intertextual investment made by the author as one of the stylistic procedures that confer literariness to this work.

Keywords: youth Brazilian narrative; body; gender; writing

Introdução

Conforme já indagamos em outros momentos (Carrijo, 2012; 2013), o que nos trazem as obras literárias? Do que nos falam, o que nos simbolizam e o que nos proporcionam? Em que medida o discurso literário se diferencia de discursos outros como o informativo, o científico e o didático no tratamento de determinados temas? Quem nos oferece esclarecedora resposta a essa questão é o escritor paulistano Ricardo Azevedo que, em alguns de seus valiosos artigos, (1999), (2006), estabelece magistralmente algumas distinções entre livros didáticos e livros de literatura. Os primeiros, como bem observa Azevedo, veiculam algum tipo de conhecimento informativo e científico, pautam-se pelo utilitarismo e pela objetividade e expressam um discurso pretensamente baseado na neutralidade. São livros relacionados a programas educacionais e às matérias que constituem o currículo escolar regular, necessitando de atualizações periódicas, à medida que também atualizados se tornam os conteúdos que veiculam. Diametralmente opostos a esse primeiro tipo de livros, as obras literárias constituem discursos não utilitários que, por meio da ficção e da poesia, abordam realidades inventadas e não fatos empíricos passíveis de verificação e comprovação. São livros que se utilizam de discursos subjetivos, que podem se nos apresentar ambíguos, obscuros, contraditórios, além de serem plurissignificativos e poderem prescindir de qualquer tipo de atualização, salvo a ortográfica. Ao contrário da linguagem denotativa e objetiva que caracteriza os livros didáticos, os livros de literatura caracterizam-se pela exploração das potencialidades poéticas e simbólicas da língua.

Na perspectiva dessa diferenciação, ressaltamos, por via das palavras de Ricardo Azevedo (2006: 2), como livros de literatura, diferentemente dos textos didáticos, se nos apresentam mais amplos, ao tematizarem com maestria nossa condição humana, ao tratarem de temas que nos são caros e não são passíveis de lições, tais como

as paixões; a busca do auto-conhecimento; utopias pessoais; sonhos e conflitos humanos; sentimentos como amor, ódio, desespero, inveja e orgulho; a dificuldade em separar realidade e ficção; as lutas do velho contra o novo; a construção da voz pessoal e a busca de um sentido para vida, entre muitos outros assuntos, vale repetir, não passíveis de lições, embora cotidianos e de extrema importância para todos nós.

Estas palavras do escritor paulistano atestam uma concepção de literatura que se posiciona em perfeita consonância com o que Antonio Candido (2004: 180) denomina *função humanizadora da literatura*, ao afirmar:



Entendo aqui por humanização ... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

As colocações de Ricardo Azevedo e Antonio Candido fazem-nos remontar, por sua vez, às considerações de Roland Barthes (2004: 18) a respeito dos saberes que a literatura, como saber maior, consegue abarcar:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso do socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Nessa perspectiva, assim como a literatura vislumbrada numa mirada mais ampla, os bons livros literários potencialmente voltados para crianças e jovens contemplam como temática questões tão caras à complexa condição humana, promovendo pois a função humanizadora tal como concebida por Antonio Candido, bem como o que George Steiner (1988) denomina “alfabetização humanista”. A literatura, quer a destinada a adultos, a jovens ou a crianças, fala do homem para o homem, expressando o que melhor caracteriza nossa humanidade. Assim sendo, trabalhos a comporem a crítica de literatura infantil e juvenil devem focalizar o *modus operandi* pelo qual os autores de tais obras literárias infantis e juvenis contemplam temas vitais e relevantes ao ser humano.

Muito já se tem dito sobre o percurso traçado pelos estudos sobre a literatura infantil e juvenil na epistemologia acadêmica não só brasileira, como também na de outros países. De campo do saber marginalizado, encarado com desconfiança e desprezo - de um lado porque voltado ao exame de textos potencialmente produzidos para a criança e o jovem, seres ainda muitas vezes encarados pelos atributos da fragilidade, da dependência, da simplicidade; de outro pela volatilidade do objeto de estudo investigado, no sentido de se situar numa região fronteira entre as áreas de Letras e Educação¹ – os estudos e pesquisas sobre obras literárias infantis e juvenis vêm

¹ Outros fatores também colaboraram para conferir aos *subsistemas literários infantil e juvenil* a pecha de “literatura

adquirindo, a partir de 1980, estatuto científico digno de nota. A partir do período citado, a literatura infantil e juvenil brasileira é encarada como literatura, infiltrando-se como disciplina curricular nos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Letras.

A mudança desse estado de coisas se mostra, no entanto, ainda tímida, permanecendo tal vertente literária como objeto de prolíficos estudos e pesquisas, como bem observa João Luís Ceccantini (2004: 33), no artigo “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil”:

... diferentemente de outras áreas, que podem ser vislumbradas como exauridas e onde descobrir um novo nicho de pesquisa é sempre uma dificuldade, com tudo ou quase tudo já fixado, organizado e hierarquizado, restando quando muito a releitura dos objetos por meio de novas metodologias que despontam, o terreno da literatura infanto-juvenil brasileira não apenas requer muito trabalho de base, que ainda está por ser feito e deve ser feito, como também exige um trabalho, quem sabe de maiores proporções, ainda a ser realizado: o de divulgar de maneira eficiente, num país de brutais desigualdades como o nosso, a produção científica já estabelecida.

Essa natureza profícuca do processo de criação de uma epistemologia acerca da literatura infantil e juvenil não é prerrogativa de brasileiras terras. Também no contexto europeu ela se faz presente, como bem atesta Peter Hunt (2010), professor da Universidade do País de Gales, em Cardiff. Hunt se refere ao fato de a literatura infantil, especificamente, ser encarada com ceticismo mesmo no Reino Unido, onde a disciplina é questionada. Noutro momento, afirma: “De fato, a literatura infantil é por vezes vista como um campo novo e promissor para estudos literários, um novo veio a ser garimpado, enquanto muitos filões acadêmicos empobrecem” (Hunt, 2010: 50).

Para além dessa profusão de possibilidades investigativas, também o prazer constitui fator instigante para a realização de pesquisas que tomem por objeto de estudo questões várias relacionadas ao gênero. A melhor resposta à pergunta “Por que estudar a literatura infantil?” seria, nos dizeres de Peter Hunt (2010: 43): “porque é importante e divertido”. Importante por se tratarem de livros essenciais para o processo da alfabetização e para a cultura e divertido porque, mais que qualquer outro gênero, entrelaça o verbal e o não verbal numa mesma rede de significados, ampliando o senso estético do leitor, tanto no seu aspecto literário quanto num sentido mais amplo. Importante e divertido porque permite ao leitor mirim e ao jovem leitor a possibilidade de refletir sobre questões internas que são caras ao seu psiquismo, porque permite o contato com o medo, o humor, o amor e demais temas vitais, exercita a curiosidade, dá a conhecer



menor” se comparada à produção literária voltada para os adultos: sua gênese histórica entrelaçada aos interesses pedagógicos e moralizantes de uma burguesia em ascensão e as injunções do mercado editorial a lançar, como numa avalanche, textos paradidáticos e panfletários ao lado de produções de inquestionável valor estético.

ao mundo, ao outro, faz conhecer a si mesmo.

No que tange especificamente à construção de uma epistemologia sobre o subsistema literário denominado *literatura juvenil*, observa-se um vasto campo de estudos por se realizar, sobretudo se compararmos ao que se tem produzido em termos de investigação acadêmica sobre a literatura infantil. A literatura juvenil, tomando especificamente o caso brasileiro, demanda uma maior fortuna epistemológica capaz de discutir suas especificidades e seu valor enquanto objeto estético e cultural:

No que concerne à produção para crianças, podemos afirmar que quarenta anos de reflexão contínua contribuíram para o estabelecimento de um cânone diferenciado, com autores e obras que compõem, inclusive, uma história da literatura infantil e contam com crítica altamente especializada, cujos resultados podem ser avaliados em publicações de valor indiscutível.

Esses estudos mostraram-se importantes não só para a configuração do estatuto da literatura infantil, mas, sobretudo, para a compreensão do vazio que se abre em relação ao reconhecimento de um “específico juvenil”, cujos produtos se apresentam nos espaços entre aquela produção e a literatura para adultos (Martha, 2012: 161)².

Também o pesquisador João Luís Ceccantini (2010: 82), referência obrigatória nos estudos sobre literatura infantil e juvenil, assevera:



quanto à literatura juvenil e à especificidade do gênero, é ainda bastante provisória a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do início do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado “adolescência”, na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem.

Dentro dessa incipiência epistemológica caracterizadora dos estudos sobre literatura infantil e juvenil, trabalhos mais especificamente voltados às questões de gênero e os temas que lhe são congêneres, como o corpo e a sexualidade, apresentam-se mais incipientes ainda. Embora seja possível encontrar uma relativa profusão de artigos a respeito disponíveis inclusive em internet, basta uma

² Frente a essa certa incipiência de estudos voltados sobre a literatura juvenil em específico, é imprescindível registrar a importância do trabalho pioneiro do Professor João Luís Cardoso Tápías Ceccantini, com sua tese de doutorado intitulada *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978-1997)*, defendida em 2000, de três publicações da ANEP (Associação Núcleo Editorial Proleitura), quais sejam *Narrativas juvenis: modos de ler (1997)*, organizada por Maria Alice de Oliveira Faria, *Narrativas juvenis: outros modos de ler (2008)*, organizado por João Luís Ceccantini e Rony Farto Pereira e *Narrativas juvenis: geração 2000 (2012)*, organizado por Vera Teixeira de Aguiar; João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteadó Martha, bem como da tese de doutorado de Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, defendida em 2009, intitulada *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*.

consulta ao Banco de Teses da CAPES³ para constatar as pouquíssimas pesquisas a nível de Mestrado e Doutorado que contemplem a literatura infantil e juvenil na perspectiva dos Estudos de Gênero.

À luz dessas considerações e partindo do pressuposto de que a obra de arte literária potencialmente voltada a crianças e jovens constitui um constructo cultural produzido por adultos, há que se considerar tais obras como fenômenos eivados de valores ideológicos que demandam reflexão, questionamento e tomada de postura crítica, vez que veiculam visões de mundo, condutas e referenciais que poderão ser acatados ou refutados pelo leitor criança e pelo jovem leitor. Nessa perspectiva, o exame de uma obra de arte literária voltada para a infância e a adolescência fomenta o levantamento de uma série de questões: Por que razão determinados temas são tratados e a partir de que perspectiva os são? A obra veicula valores ideológicos conservadores ou progressistas? Constitui verdadeira obra de arte ao proceder por via do simbólico e do imaginário ou se reduz a panfleto didático-moralizante? Como crianças compreendidas em grupos socioculturais diferentes recebem tal obra? Para tantas perguntas, não nutrimos a pretensão de certas respostas -que demandariam, inclusive, pesquisas efetivas de campo, em contextos escolares específicos- mas a proposição de um olhar disposto ao exame subjetivo de algumas questões arroladas.

46

Mais especificamente no que se refere a pesquisas em literatura infantil e juvenil na perspectiva dos Estudos de Gênero, importante se faz pensar como obras representativas dessa vertente literária podem contemplar como temática questões ligadas à problemática de gênero, por muito tempo consideradas temas tabus por parte de uma ideologia reinante, pautada no conservadorismo, na intolerância e na exclusão de tudo aquilo que se desvia de valores sociais, culturais, políticos e ideológicos previamente considerados legítimos e vigentes. Assim sendo, por via de aportes teóricos vários, porque interdisciplinar se nos apresenta a produção epistemológica voltada ao exame do gênero literário infantil e juvenil, importa investigar questões relacionadas à problemática de gênero na obra *Alice no espelho* (2005), de Laura Bergallo, ilustrado por Edith Derdyk. A análise contemplará também um tema congênere, qual seja, a representação simbólica do corpo da protagonista. Dada a contundência com que a escritura intertextual que recupera o clássico de Lewis Carrol se faz presente na narrativa, a análise contemplará também a natureza desse processo e o modo como ele assegura a literariedade da obra em questão, obra esta que contempla a história de Alice, uma adolescente que desenvolve um processo doloroso e angustiante de anorexia nervosa e de bulimia.



³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agência de fomento à pesquisa brasileira, órgão integrante do Ministério da Educação - MEC - Brasil.

Reflexos de Alice: corpo, gênero e intertextualidade

Embalada pela voz paterna a recitar versos do clássico de Lewis Carroll *Alice através do espelho*, a personagem central da narrativa de Laura Bergallo se vê, aos oito anos de idade, privada da convivência familiar com o pai, que se separa da mãe e constitui nova família, tendo inclusive novos filhos. Criada pela mãe e pela avó, a menina tem como referência a figura materna, obcecada por um padrão ideal de beleza ancorado na excessiva vigilância do peso:

Alice era bem pequena, mas ainda se lembra da mãe antes de seu pai ir embora de casa. Alta, esguia, muito bonita, desde sempre ocupada em malhar na academia, comendo duas folhas de alface e duas rodelas de tomate na hora do almoço. De sobremesa, um iogurte *light* (Bergallo, 2005: 10).

Nesse contexto, ao completar 15 anos de idade, a menina se vê insatisfeita com o próprio corpo, nas constantes consultas que fazia ao espelho. A imagem refletida pelo espelho físico destoava do reflexo proporcionado pelo espelho da mente:



- A bunda continua a mesma, enorme! – suspira Alice, de costas para o espelho, espichando o pescoço para ver melhor o traseiro enfiado num shortinho vermelho. – Estou uma monstra horrorosa, como sempre. O espelho (grande e emoldurado, pregado na parede em frente à cama) não parece concordar, mas geralmente (como sabemos) espelhos não têm direito a opinião própria. A imagem que ele reflete é de uma garota magricela, quase sem bunda, os peitos pequenininhos e os cabelos compridos e lisos... (Bergallo, 2005: 16).

O corpo, tanto o de Alice quanto o de seu duplo Ecila, do qual trataremos mais adiante, e também o de modelos divulgados pela mídia da moda, é referendado inúmeras vezes nesta narrativa juvenil, que retrata a busca desenfreada de adolescentes do gênero feminino por um corpo sempre magro e esbelto, padrão corporal que, em nossa sociedade, constitui uma demanda mais fortemente cobrada de jovens do gênero feminino que do masculino, embora não se possa falar em exclusividade. A subjetividade feminina foi, ao longo dos tempos, substituindo a obsessão de salvação da alma pela ideia obsessiva de salvação do corpo, na esteira do dualismo mente/corpo que por muito tempo caracterizou o pensamento ocidental. Numa perspectiva diacrônica, investigando a história das transformações do corpo feminino, especialmente considerando o

contexto brasileiro, Mary del Priore (2000: 11) assevera como a preocupação das gerações atuais com o corpo suplanta a preocupação de gerações anteriores com a salvação da alma:

No decorrer do século XX a mulher se despiu. O nu, na mídia, nas televisões, nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a desvelar-se em público, banalizando-se sexualmente. A solução foi cobri-lo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. A pele tonificada, alisada, limpa, apresenta-se idealmente como uma nova forma de vestimenta, que não enrugam nem “amassa” jamais. Uma estética esportiva votada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho.

Numa das passagens em que Alice assiste a um comercial de moda, o corpo é desnudado em detalhes, revelando como o discurso midiático promove uma visão estereotipada de beleza corporal. A escolha tipográfica do itálico revela o dialogismo dessa narrativa, dando espaço para expressão do discurso pronunciado pela mídia e pela sociedade de consumo:

A coleção de verão de Samara Jeanine também considera que o bonito é para ser mostrado. Suas ousadas microsaiaas destacam as pernas, que precisam ser longas e firmes para enfrentar tamanha ousadia. Os seios são valorizados pelos tops curtíssimos, e a alegria domina as estampas dos tecidos. Definitivamente, uma moda para ser feliz (Bergallo, 2005: 48).

Esse discurso a condicionar a felicidade à beleza corporal instiga em Alice o desejo de modificar seu próprio corpo magro, que ela só enxerga no espelho como um corpo obeso. O desejo se traduz na possibilidade de transformação corporal, atestando que, nesta narrativa, a representação simbólica do corpo se faz mediante o abandono de concepções pautadas num essencialismo biológico a considerá-lo como algo imutável, para revesti-lo do caráter de elemento histórica e culturalmente construído. A narrativa juvenil de Laura Bergallo representa a contento o que observa Guacira Lopes Louro sobre a mutabilidade do corpo no transcorrer temporal e as marcas impressas por esse processo, que fazem do corpo algo não estável, durável, fixo, mas elemento real em pleno processo de modificação, de acordo com as contingências que o envolvem: “os corpos alteram-se devido à idade, à doença, às condições de vida; eles mudam pelas imposições sociais, pelas exigências da moda, pelas intervenções médicas, pelas transformações e possibilidades tecnológicas” (Louro, 2000: 91). Vale ressaltar inclusive que, tal como a Alice de Carroll sofre transformações em seu corpo, ora crescendo, ora diminuindo de tamanho, também o corpo da Alice da narrativa de Laura Bergallo se vê marcado pela possibilidade de transformação,



ancorada no desejo de esculpir, via dieta excessiva e excessivos exercícios físicos, o corpo que julgava obeso, isento de beleza.

Desenvolvendo um processo de obcecada preocupação em se manter magra, Alice vai driblando a vigilância e as ingerências da mãe e da avó no sentido de obrigá-la a comer, até chegar o dia em que decide resolver a seu modo a relação problemática que passa a estabelecer com a comida:

A avó pega o prato de Alice e começa a encher de comida. A garota sente um aperto na garganta, um nojo, uma coisa inexplicável. Por que a mãe quer ser magra e não deixa que ela seja também? Mas Alice sabe quando está vencida. Desta vez não vai poder evitar. Então, acaba tendo uma ideia (Bergallo, 2005: 23-24).

Utilizando o cabo da escova de dentes introduzido na garganta, a garota passa a vomitar propositalmente tudo aquilo que come, ainda que isso gere um estado de culpa posteriormente: “Respira fundo para tomar coragem e, com um gesto repentino, enfia o cabo da escova garganta abaixo. O estômago se embrulha num segundo e uma onda ácida chega até a boca, saindo em jorro até atingir o chão” (Bergallo, 2005: 26). Nos episódios em que Alice provoca vômitos, o leitor tem acesso ao que a personagem sente e pensa, constituindo a narrativa uma verdadeira expressão simbólica dos conflitos de quem se vê vítima de tal problema:

“Não vou mais fazer isso”, resolve Alice, já arrependida enquanto se enxuga. “Mas, pensando bem, até que não é nada de mais”. A dúvida atormenta Alice mesmo depois de um bom tempo daquela primeira vez. Ela agora “faz isso” de vez em quando: acha que é uma maneira de resolver o problema quando não consegue escapar das refeições em casa. E também que é uma ótima solução para quando acontece de abusar um pouquinho da comida, por um motivo ou outro (Bergallo, 2005: 26).

O processo se dá num crescendo, executado repetidas vezes, o que o caracteriza como um distúrbio psiquiátrico alimentar digno de nota. Como consequência, Alice deixa de menstruar, vai ficando pálida, esquelética, fraca, até chegar a desfalecer. Nesse momento da narrativa, a mãe e a avó decidem levá-la a um médico, Dr. Anselmo que, por sua vez, recomenda à menina cuidados de um psiquiatra. Num determinado trecho, o leitor tem acesso a um dos poucos episódios em que há uma explanação científica do problema, como o é o caso da consulta com Dr. Anselmo, momento em que há um embate entre médico e paciente, no que tange à magreza da personagem:

- Pois é, minha querida. Aí é que está o problema. Tudo indica que você tem uma doença chamada anorexia nervosa.

A avó e a mãe arregalam os olhos quase ao mesmo tempo.

- Trata-se de uma doença que hoje em dia afeta muitas jovens, e até rapazes, e que faz a pessoa se ver gorda mesmo quando está muito magra. Ela então faz dietas insensatas, exagera nos exercícios físicos e, em alguns casos que chamamos de bulimia, tem episódios de compulsão alimentar, quando come enormes quantidades de comida de uma só vez e depois, sentindo-se culpada, provoca vômitos.

Mesmo assustada com uma descrição tão exata do que sente, Alice resiste:

- Mas eu não tenho nada disso, doutor Anselmo. Meu único problema é a menstruação, que está atrasada.

- A amenorréia, ou ausência de menstruação, é um dos sintomas tanto da anorexia como da bulimia nervosa (Bergallo, 2005: 38).

O discurso científico se vê rarefeito, camuflado, tal é a força do discurso literário da obra, literariedade esta obtida, entre outros recursos, através do intenso e constante processo de intertextualidade com o clássico de Lewis Carroll. Graças a esse investimento intertextual, a escritora trata de forma bastante literária o tema da anorexia, em muito distanciando sua obra de um mero compêndio médico dos sintomas e do tratamento da doença. Num trecho em que, de tanto evitar a comida, Alice passa a sentir fome, é ao clássico escrito pelo romancista britânico que a autora recorre. A escolha tipográfica das palavras em itálico remetem ao texto predecessor⁴:

O doce está lá, tentador, e parece chamá-la. Alice não se reconhece, está louca por um pudim! Quase chorando, pega uma colher na gaveta e alcança o prato dentro da geladeira. Então começa a devorar o pudim inteiro em enormes colheradas, sentindo a calda espessa escorrer pelos cantos da boca.

A Rainha de Copas fez várias tortas

Todas numa só fornada.

O Valete de Copas furtou as tortas

E não deixou sobrar nada!

Era o que possivelmente o pai recitaria se estivesse lá para ver aquela cena espantosa. O prato vazio em cima da mesa e Alice sentada no chão, com a cara toda suja de calda e molhada de choro (Bergallo, 2005: 32).



⁴ Logo na página 9, que inicia o romance a partir do capítulo intitulado “Alice e Alice”, a autora tece considerações paratextuais a respeito da citação de trechos da obra revisitada, numa espécie de convite remissivo feito ao leitor: “Todas as referências às obras de Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho*) contidas neste livro, que aparecem em itálico ao longo da narrativa, foram retiradas de *Alice – edição comentada*, uma admirável tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, editada por Jorge Zahar Editor (Rio de Janeiro, 2002), cuja leitura recomento a todos com grande entusiasmo (N. da A.)” (AE, p. 9).

As múltiplas referências feitas concomitantemente ao clássico revisitado e à presença do pai na infância acabam por suggestionar a grande causa psicológica que desembocou a doença de Alice: por ter sofrido o abandono do pai, Alice resolve abandonar o pão. A citação abaixo revela como a memória entrelaça a questão alimentar, a narrativa contada pela voz do pai e a (falta da) convivência afetiva com ele:

Para os dias seguintes, traça uma estratégia para comer o mínimo possível parecendo que comeu o suficiente. Chega sempre antes à mesa, suja o prato e a boca de feijão, vive pela casa com pacotes de biscoitos, pela metade, vai à cozinha preparar mil receitas de doces, tortas, suflês... Parece que de repente ficou dedicada à culinária e à gastronomia.

Sempre se lembra do chá maluco de Alice com a Lebre de Março, o Chapeleiro e o Caxinguelê – o pai ria às gargalhadas (e como era gostosa a gargalhada do pai!) quando contava esta parte da história:

“Tome mais chá”, dizia a Lebre de Março.

“Como ainda não tomei nenhum chá, é claro que não posso tomar mais chá”, respondia Alice, ofendida.

“Não pode é tomar menos chá”, falava o Chapeleiro.

“É muito fácil tomar mais do que nada” (Bergallo, 2005: 42).



Ainda no que pesem as advertências feitas pelo Dr. Anselmo, sobre a possibilidade de casos graves da doença, quando não tratados, resultarem em arritmias cardíacas que podem levar ao coma e até mesmo à morte súbita, Alice segue com sua prática constante de vomitar de forma auto-induzida até o momento em que, após comer desenfreadamente, desmaia, entrando em coma por causa do crise anoréxica. Aí, além da personagem de Lewis Carrol, ela encontra uma outra Alice, uma espelhada e invertida Alice.

Reflexos (d)e reflexos: o espelho e o duplo de Alice

O estado de coma causado pela crise anoréxica permite à Alice, através de um acontecimento *nonsense*, entrar em contato com seu interior em conflito. Tal como a Alice de Lewis Carroll, a personagem consegue transpor o espelho de seu quarto, espelho que se transforma em uma “tênuê nuvem de prata” (Bergallo, 2005: 52), permitindo a passagem de Alice para um outro mundo, um universo fictício encaixado na narrativa primeira.

Nesse novo universo, Alice se depara com uma outra Alice, denominada “Ecila”, nome cujas letras se correspondem de forma diametralmente opostas ao seu nome. Ecila é uma menina gorda, que possui um quarto em tudo igual ao de Alice, só que de forma invertida. Reflexo do espelho, reflexo do espaço, reflexo do nome, reflexo da identidade. Tem início então o longo período de convívio entre elas, que abarca a narrativa que vai do capítulo 9, intitulado “Do lado de lá”, ao capítulo 26, intitulado “Em nome de uma promessa”. A Alice da narrativa moldural passa a conhecer a concepção que a Alice da narrativa encaixada tem sobre o corpo e sua relação com a identidade do ser. A primeira sente pena da segunda, por sua obesidade mas esta, por sua vez, não sente raiva do próprio corpo como a primeira, não se importa de ser gorda mas sim em manter sua própria identidade num mundo marcado pela mesmice de modelos estereotipados de beleza física, reduzindo a diversidade a umas poucas variações de corpos, semblantes e fisionomias, por via de um processo denominado “a transformação”. Assim, a Alice gorda, Ecila, relata tal processo:

- Alteram os nossos genes – fala a gorda para Alice, com expressão horrorizada. – Viramos uma espécie de... gente transgênica. E a violência não para por aí: cortam, repuxam, sugam e costuram a gente toda, até ficar igual ao modelo escolhido (Bergallo, 2005: 76-77).

52

O caráter violento do processo de transformação é ratificado pela curiosa ilustração de Edith Derdyk na página 77: um amontoado de mãos, pés, olhos e cabelos recortados, representando partes do corpo humano completamente avulsas, como peças de um desmonte a serem reutilizadas no afã de uma remontagem idealizada.



Assim, Alice gorda renega a transformação, tal como seu pai que, por não ter se adequado ao sistema, por não ter feito a manutenção necessária à transformação realizada aos dezesseis anos, se vê obrigado a exilar-se do mundo dos modelos estereotipados, à medida em que seu corpo ia envelhecendo e sua beleza se via prejudicada pela ação do tempo. A gorda Alice e seu pai apresentavam um pensamento revolucionário, não conformado às regras do sistema de estereotipia, composto por seres com horror à passagem temporal que se corporifica através do envelhecimento:

- Ficar velho é vergonhoso, é indigno – continua a mulher, num tom de discurso inflamado. – Aquela cara enrugada, o cabelo ralo e branco... – sua expressão é de desprezo e asco. – E ser feio é uma aberração. Quem não pensa assim é anormal, está doente e representa uma desonra horrível para a própria família. Infelizmente, como meu pobre irmão caçula.
- E como eu – diz Ecila, decidida. – Não vou fazer a transformação (Bergallo, 2005: 78).

No convívio entre Alice magra e Ecila, se num primeiro momento a primeira não consegue entender porque a segunda rejeita a transformação e seus “benefícios”, num momento posterior, quando o sistema implacavelmente captura a gorda para a metamorfose, sente pena e saudades da Ecila de antes que, integrada agora ao sistema, regozija-se com sua beleza corporal e adquire até mesmo uma nova identidade, pautada na futilidade, na trivialidade e na apologia à transformação.

Indubitavelmente, Ecila é o duplo de Alice, expresso pela simbologia do espelho, da superfície especular, uma das formas mais recorrentes de manifestação do duplo: “O além dos espelhos é o verdadeiro reino dos duplos, o reverso mágico da vida” (Morin, 1970: 127). Ao tratar dos símbolos da inversão no processo de eufemização efetivado pelo imaginário, o antropólogo francês Gilbert Durand (2002: 208), em sua teoria antropológica do imaginário, associa o reflexo ao redobramento típico do regime noturno místico da imagem: “O reflexo é naturalmente fator de redobramento, o fundo do lago torna-se o céu, os peixes são os pássaros. Há nesta perspectiva uma revalorização do espelho e do duplo”. Ao arrolar as múltiplas formas com que a cisão do Eu se apresenta no âmbito da criação literária, Ana Maria Lisboa de Mello (2000: 113) inclui o espelho, ao lado das imagens dos sócias, dos irmãos – gêmeos ou não -, da sombra e do retrato, como manifestação do duplo.



Nessa perspectiva, podemos ler o encontro de Alice com seu duplo Ecila como momento propício à revisão de conceitos em relação ao corpo, à beleza, à aceitação de si mesmo e do outro. Encontrar-se com uma outra Alice, gorda, também muito apegada ao pai, apregoando valores baseados na manutenção da identidade em detrimento da violência da padronização advinda da transformação, permite à Alice anoréxica enxergar o avesso da moeda. O valor exagerado que a personagem conferia à aparência física se vê paulatinamente substituído por um valor diferente, o do afeto e da comunhão com o outro. É o que o leitor pode perceber no capítulo 16, intitulado “O direito de ser diferente”. Encontrando uma mãe chorosa cujo filho fizera uma transformação malsucedida, ficando com a aparência horripilante e se arriscando a ir definitivamente para o mundo dos exilados, Alice a interpela: “- Não deixe que ele vá para lá! Não pode gostar dele independentemente da aparência?” (Bergallo, 2005: 94).

Assim, depois que Ecila se vê submetida à transformação e ao sistema, a narrativa encaixada cede espaço à narrativa moldural, em que o leitor encontra Alice recobrando os sentidos numa cama de hospital. É como se, assistindo ao filme de Ecila, filme de sua própria imagem invertida, Alice pudesse resolver melhor o conflito da não aceitação do próprio corpo. Nesse capítulo, intitulado “Pedindo

ajuda”, Alice, depois da viagem para dentro de si mesma e do encontro com seu duplo Ecila, consegue admitir o problema, ao invés de escamoteá-lo como sempre fizera: “- Sei que estou precisando de ajuda. Quero parar de sentir raiva do meu corpo, mas não sei como. Eu não controlo a coisa, você entende? E não quero morrer disso” (Bergallo, 2005: 152).

No capítulo que finaliza a narrativa, capítulo em que Alice admite a própria anorexia e reconhece a necessidade de procurar ajuda, surge de forma concreta a figura do pai, referenciado sempre pela memória no decorrer de toda a narrativa. É seu rosto barbudo o que ela vislumbra ao acordar, ao voltar do coma; é sua voz que ela reconhece chamando seu nome. O pai então lhe assegura “- A partir de agora, vamos nos ver sempre – ele promete, sorrindo meio sem graça” (Bergallo, 2005: 151). A ausência do pai leva, entre outros fatores, à anorexia, que por sua vez possibilita o resgate da convivência com ele. Abandono do pai, abandono do pão, retorno do pai!

As marcas da escritura: uma narrativa para jovens (mas que encanta também o leitor adulto)

54

Como dito anteriormente, o investimento num intenso processo intertextual assegura à narrativa escrita por Laura Bergallo uma inquestionável literariedade ao contemplar um tema relacionado à medicina e ao cotidiano de muitas adolescentes. Vale pois, conferir de perto, algumas outras marcas dessa escritura, dessa narrativa escrita para o jovem leitor que, como bem lembra Maria Zaira Turchi (2002: 29), apresenta suas especificidades, demandando pois uma literatura que as considere:



A natureza específica do juvenil pede uma narrativa que envolva e prenda esse leitor adolescente, agitado, tomado pelos avanços da informática e pela velocidade da mídia – leitor que não é mais criança, mas ainda não é adulto.

A utilização de um tom coloquial a aproximar tanto o leitor da voz narrativa quanto da personagem principal assegura à narrativa de Bergallo uma das propriedades necessárias para a boa obra juvenil, qual seja, a possibilidade de identificação por parte do leitor. A utilização de verbos no presente do indicativo e a exploração de uma voz narrativa a se expressar pela primeira pessoa do plural referendam a presença do leitor como um coautor dos fatos narrados e dessacralizam a figura do narrador e da autora como seres todo-poderosos, de exclusivo poder discursivo:

Deixamos as duas na mesa convencendo-se de que está tudo normal e vamos até o banheiro dar uma espiada em Alice. De porta trancada, ela liga o chuveiro e tira a roupa na maior pressa. Dá uma olhadinha no espelho e faz uma careta horrível: está gorda, gorda, gorda! Pega no armário a escova de dentes (Bergallo, 2005: 25-16).

Essa dessacralização das figuras da voz narrativa e da voz autoral é inclusive verbalizada em passagens que confidenciam uma espécie de ausência de controle total por parte daquele que conta uma história, evidenciando também a escrita como ato processual e não como produto acabado: “No início da história, a gente que escreve ainda não conhece muito bem a personagem, porque ela vai se mostrando aos poucos, a cada ato que pratica ou frase que diz” (Bergallo, 2005. 9). Noutro momento, a voz narrativa compartilha com a própria Alice a propriedade de composição dos fatos narrados, numa espécie de confissão bastante coloquial de suas pequenas incongruências ao narrar:

Pronto. Voltamos ao mesmo assunto, quase sem sentir. Assim nunca vou conseguir começar esta história. É que nem sempre sou em quem decide o que vai ser dito a seguir. O que Alice pensa conta muito, já que ela é a personagem principal. E, mesmo sem querer e depois de todo esse tempo de ausência, Alice pensa a toda hora no pai (Bergallo, 2005: 16).



A utilização de gírias ratifica esse tom de maior proximidade linguística com o leitor: “-Caraca, é mesmo! Não tinha me lembrado da moto! (Bergallo, 2005: 110, grifo nosso). Os discursos paratextuais à narrativa, quais sejam, um epílogo em que uma Alice do mundo real conta sua experiência com a anorexia e a informação de que a obra faz parte da Coleção Muriqui, composta de “histórias que falam de coisas que a gente vive” (verso da capa do livro) indicam uma tentativa de se aproximar do leitor, de falar a língua do jovem, mais especificamente das jovens bombardeadas com anúncios e comerciais eivados de corpos perfeitos, vítimas em potencial da anorexia nervosa e da bulimia.

Considerando o que afirma Geffard-Lartet (2005: 29) sobre a escrita literária potencialmente voltada para jovens, qual seja, a de que “Écrire pour les adolescentes, c’est créer aux confluents de la littérature, de l’éducation et des stratégies commerciales”⁵, Laura Bergallo cria na confluência dessas águas sem, no entanto, deixar que sua obra caia no discurso fácil da intenção didático-moralizante. É por via do simbólico e do imaginário que caracteriza a arte, que a

⁵ “Escrever para adolescentes é criar nas confluências da literatura, da educação e das estratégias comerciais”.

autora trata de tema tão delicado e tão humano, de modo que sua obra promova uma função humanizadora, uma alfabetização humanista, indubitavelmente. Assim sendo, a obra de Bergallo encanta tanto o jovem leitor quanto o leitor adulto que encontra(m), em suas páginas, entre tantas coisas, a oportunidade de acionar, pela memória, a sua leitura da obra de Lewis Carroll ou a curiosidade de a ela se dirigir, caso ainda não a tenha(m) lido.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, R. (1999). Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. Consultado em 15 de maio de 2008, <http://www.ricardoazevedo.com.br/palestras.htm>
- _____. (2006). Sobre livros didáticos e de ficção. Consultado em 29 de abril de 2007, <http://www.ricardoazevedo.com.br/palestras.htm>
- Barthes, R. (2004). *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix. 12. ed.
- Bergallo, L. (2005). *Alice no espelho*. São Paulo: Edições SM.
- Candido, A. (2004). “O direito à literatura”. In Candido, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- Carrijo, S. A. B. (2012). “Dois escritores, dois textos, dois pais, quantos e quais leitores? Escolarização da leitura de literatura infantil e representação das relações de gênero”. In Cardoso, J. B. (Org.). *Literatura e prática docente: pontos e contrapontos* (pp. 65-82). Goiânia: Editora da PUC Goiás.
- _____. (2013). “Sempre por perto, por que não deixá-las?”. In Borges, L.; Oliveira, L.; Carrijo, S. A. B. C. *Gênero, linguagens e etnicidades* (pp. 79-93). Goiânia: FUNAPE.
- Ceccantini, J. L. C. T. (2004). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis, SP: ANEP.
- _____. (2010). “Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas”. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 3, p. 80-85. Consultado em 15 de maio de 2011, <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8125/5815>
- Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC.
- Durand, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. São Paulo: Martins Fontes.



- Geffard-Lartet, J. (2005). *Le roman pour ados: une question d'existence*. Paris: Éditions du Sorbier.
- Hunt, P. (2010). *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify. Tradução de Cid Kimpel.
- Louro, G. L. (2000). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora.
- Martha, A. Á. P. (2012). “Diários de jovens: confissões e ficção”. In Aguiar, V. T. de; Ceccantini, J. L.; Martha, A. Á. P. (Orgs.). *Narrativas juvenis: geração 2000* (pp. 161-182). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP.
- Mello, A. M. L. de. (2000). “As faces do duplo na literatura”. In Indursky, F.; Campos, M. do C. (Org.). *Discurso, memória, identidade* (pp. 111-123). Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.
- Morin, E. (1970). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América. Trad. João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. 2 ed.
- Steiner, George. (1988). *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Turchi, Maria Zaira. (2002). “O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil”. In Turchi, M. Z.; Silva, V. M. T. *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas* (pp. 23-31). Goiânia: Editora UFG.

